

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

Infraestruturas precárias, vidas inteiras: gênero e água na periferia de Porto Alegre

BRUM, MARINA CRISTINA DOS SANTOS¹

¹ Graduada em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestranda em Sociologia no Programa de Pós graduação em Sociologia (PPGS/UFRGS). Bolsista Pesquisadora da FAPERGS no projeto V-CLIMA Vulnerabilidades e Capacidades de Lidar com Inundações e Mitigação de Ameaças no Rio Grande do Sul (Brasil) Emília Romagna (Itália) e Valência (Espanha). ID Lattes: 6755847976123358. Email: marinacsbrum@gmail.com

Sessão Temática:

1 – Memória, identidade e (re)existência

RESUMO: Este trabalho analisa as dinâmicas de acesso e gestão da água na Vila Colina, em Porto Alegre, a partir da experiência etnográfica e da vivência de Dona Rosa. O estudo, é um recorte da pesquisa maior do meu TCC (Brum, 2025), aprofunda a discussão sobre o trabalho do cuidado, mostrando como, em um contexto de precariedade, essa mulher se torna figura central na gestão do cotidiano.

Através de uma metodologia qualitativa, com "caminhadas (re)conhecimento" e observação participante, o trabalho mostra como Dona Rosa assume a liderança na busca por soluções, coordenando o uso e encontrando formas criativas de distribuição de água. Essa atuação revela uma "lógica do cuidado" que, além de ser essencial para a manutenção da vida familiar, reforça desigualdades de gênero, classe e raça. O estudo demonstra que a produção da cidade é atravessada por uma lógica de gênero, onde o trabalho de cuidado, frequentemente invisível, é central na articulação entre o direito à cidade e a luta por condições de vida dignas. Essa atuação, longe de ser passiva, se configura como uma prática de resistência que sustenta a vida coletiva e reafirma a potência de Dona Rosa na produção do espaço urbano a partir das margens

PALAVRAS-CHAVE: periferias urbanas; mulheres; água; infraestruturas; cotidiano.

Precarious Infrastructures, Whole Lives: Gender and Water in the Periphery of Porto Alegre

ABSTRACT: This work analyzes the dynamics of water access and management in Vila Colina, Porto Alegre, based on the ethnographic experience and daily life of Dona Rosa. The study, a specific

segment of my larger master's research (Brum, 2025), deepens the discussion on the work of care, showing how, in a context of precarity, this woman becomes a central figure in managing daily life. Through a qualitative methodology, which included "recognition walks" and participant observation, this work demonstrates how Dona Rosa takes the lead in seeking solutions, coordinating the use and finding creative ways to distribute water. This action reveals a "logic of care" that, in addition to being essential for maintaining family life, reinforces gender, class, and race inequalities. The study shows that the production of the city is shaped by a gendered logic, where care work, often invisible, is central to the articulation between the right to the city and the fight for dignified living conditions. This performance, far from being passive, is configured as a practice of resistance that sustains collective life and reaffirms Dona Rosa's power in producing urban space from the margins.

KEYWORDS: urban peripheries; women; water; infrastructures; daily life.

INTRODUÇÃO

O acesso à água, um direito humano fundamental, contrasta com a realidade de incerteza vivida nas periferias urbanas brasileiras. Na Vila Colina, na zona leste de Porto Alegre, essa precariedade é uma constante, e a luta por água se manifesta como uma questão central na vida de seus moradores. A pesquisa "Entre canos e remendos" (Brum, 2025) demonstra como essa carga recai desproporcionalmente sobre as mulheres, que se tornam as principais agentes na gestão do dia a dia da comunidade. Este artigo se debruça sobre a experiência de Dona Rosa, uma das interlocutoras da pesquisa, para analisar como a falta de infraestrutura transforma a rotina em um campo de batalha e de resistência.

O problema central da pesquisa é entender como a falta e a intermitência no abastecimento de água moldam as dinâmicas de convivência e geram microconflitos entre famílias e vizinhos. A hipótese é que a precariedade impõe uma reconfiguração do espaço doméstico e do território, transformando-o em uma rede de solidariedade e conflito. O objetivo principal é dar visibilidade a essas territorialidades afetivas e insurgentes, construídas a partir da vivência de mulheres que, ao gerenciar a precariedade, reafirmam seu direito à cidade.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é qualitativa e de cunho etnográfico, baseada na observação participante. A pesquisadora, por residir na mesma Vila Colina, obteve um acesso direto e aprofundado às dinâmicas locais, complementando entrevistas e "caminhadas de (re)conhecimento" com uma vivência cotidiana do problema. As entrevistas não dirigidas com mulheres que residem na comunidade há mais de trinta anos evidenciaram que, apesar de diferentes tempos de moradia, todas as interlocutoras compartilham a dificuldade do acesso irregular e inadequado à água. O trabalho busca dar visibilidade às territorialidades afetivas e insurgentes, construídas a partir das vivências dessas mulheres, do cuidado e da luta. A análise dos dados correlaciona as experiências dessas mulheres com conceitos-chave como infraestrutura, trabalho do cuidado, precariedade e direito à cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A falta de água na Vila Colina impõe uma "lógica do cuidado" que vai muito além das tarefas domésticas. Joan Tronto (2013), em sua definição de cuidado, afirma que essa é uma "atividade que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar o nosso 'mundo'". No cotidiano de Dona Rosa, essa definição se materializa na sua luta diária: (1) A jornada começa com o perceber a necessidade, que ocorre quando a caixa não enche ou a torneira não funciona. Na sequência, ela (2)

assume a responsabilidade de buscar uma solução, o que Tronto chama de assumir a responsabilidade.

O próximo passo é (3) o prover o cuidado, que se traduz no esforço físico de buscar água na nascente, carregar baldes e gerenciar o uso do motor para encher as caixas. Esse trabalho é essencial para que o receber o cuidado, ou seja, a família e a comunidade, possam se beneficiar do recurso. Por fim, as negociações constantes de recursos com vizinhos, que podem gerar laços de solidariedade ou microconflitos, são a materialização do cuidado recíproco.

A experiência de Dona Rosa demonstra que a precariedade das infraestruturas é uma ferramenta de controle social. O acesso irregular à água funciona como um mecanismo de gestão populacional (Mbembe, 2018), que reforça desigualdades de gênero, classe e raça (Hirata, 2014; Gonzalez, 2020). No entanto, o trabalho de cuidado de Dona Rosa, embora invisível e não remunerado, se torna central para a manutenção dos laços familiares e comunitários, exercendo uma "lógica do cuidado" que sustenta a convivência e a sobrevivência nas periferias.

A luta pela água de Dona Rosa tem um impacto direto no rebatimento dessas dinâmicas na organização espacial do território e na dimensão do tempo. Como argumenta Camila Pierobon (2021), o trabalho de cuidado na periferia molda a rotina e a forma como o tempo é vivido. A espera pela água, a incerteza do abastecimento e a necessidade de "fazer a água circular" (Pierobon, 2021) moldam o tempo diário das moradoras. A rotina de Dona Rosa é definida pela escassez: ela precisa planejar o uso da água e estar atenta aos sinais do motor, a ponto de não poder ouvir música alta em casa para não perder o barulho do motor funcionando.

Essa gestão do tempo reflete-se na organização espacial de sua casa. O espaço é redefinido para acomodar baldes, tambores e caixas d'água improvisadas, que se tornam as verdadeiras organizadoras do fluxo de pessoas e atividades dentro do ambiente doméstico. A falta de água molda a vida e a interação de Dona Rosa com o seu bairro de forma contínua, uma vez que a ausência do poder público em fornecer um serviço essencial na Vila Colina é uma forma de necropolítica urbana (Mbembe, 2018), onde o Estado decide quais vidas e territórios são dignos de cuidado. No entanto, a forma como as mulheres como Dona Rosa se organizam para garantir a água mostra que a precariedade também pode ser um campo de luta e resistência (Butler, 2019), transformando o espaço de abandono em um lugar de vida e solidariedade. Ela relata que a situação está melhor porque ela teve que criar um sistema para contornar a falta do serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das infraestruturas e das dinâmicas sociais em torno do abastecimento de água na Vila Colina demonstra que a precariedade urbana é um fenômeno social complexo, que não pode ser compreendido sem a lente do gênero, da classe e da raça. A pesquisa evidenciou que a gestão da água, delegada às mulheres, se manifesta como uma prática de cuidado que é, ao mesmo tempo, essencial para a reprodução da vida e um vetor de desigualdades. A experiência de Dona Rosa, ao assumir a liderança na busca por soluções, revela como o trabalho de cuidado, frequentemente invisível, se torna uma prática de resistência que sustenta a vida coletiva e reafirma a potência das mulheres na produção do espaço urbano.

Essa atuação, que transcende a esfera doméstica, se configura como um verdadeiro cuidado insurgente, uma prática diária que confronta a lógica do planejamento urbano hegemônico e a ausência de políticas públicas. Ao se organizarem para garantir o acesso a um direito fundamental, as mulheres da Vila Colina desestabilizam a necropolítica urbana, que expõe suas vidas à vulnerabilidade. A luta pela água é, portanto, uma disputa política pelo direito de existir e de reconfigurar o território, transformando a precariedade em um campo de ação e agência.

Para o campo da formulação teórica, a história de Dona Rosa reforça a necessidade de se analisar as infraestruturas não apenas como estruturas físicas, mas como processos sociomateriais que refletem relações de poder e desigualdades. A sua experiência oferece um aporte fundamental para a sociologia, mostrando que a luta pelo direito à cidade já acontece nas periferias, liderada por mulheres que, com seu trabalho de cuidado, reinventam a política a partir do cotidiano. O principal aprendizado para o campo do projeto é que as soluções não podem ser pensadas de cima para baixo.

É crucial valorizar o conhecimento e as redes que os moradores já construíram, reconhecendo que a luta por condições de vida dignas é uma arena política na qual as comunidades já são protagonistas. A água, na Vila Colina, é uma arena política.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho às mulheres da Vila Colina, especialmente a Dona Rosa, que não são meros objetos de pesquisa, mas sujeitos ativos e protagonistas de sua própria história. A luta cotidiana delas pela água não é apenas uma batalha por sobrevivência, mas uma afirmação política que expõe as contradições do planejamento urbano e a negligência do Estado. São elas, com sua potência, que constroem o "cuidado insurgente" e reconfiguram o espaço a partir das margens. Este trabalho é uma ferramenta para amplificar a voz e a luta dessas mulheres que, dia após dia, nos ensinam sobre a produção da vida e a resistência nas periferias.

REFERÊNCIAS

BRUM, Marina Cristina dos Santos. **Entre canos e remendos: Infraestruturas, gênero e desigualdade no abastecimento de água nas periferias de Porto Alegre**. 2025. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mariana P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 121, p. 121-142, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PIEROBON, Camila. Fazer a água circular: tempo e rotina na batalha pela habitação. **Mana**, v. 27, 2021.

TRONTO, Joan C. **Moral boundaries: A political argument for an ethic of care**. 2. ed. New York: Routledge, 2013.